

## **REDES DE SOCIABILIDADE E CONSAGRAÇÃO INTELLECTUAL: BENEDETTO CROCE E OS HOMENS DE LETRAS**

JÔNATAS OLIVEIRA PANTOJA\*  
jonataspantoja@usp.br

### **O AUTOR E A OBRA**

Proveniente de uma tradicional família católica de proprietários de terras e funcionários públicos, Benedetto Croce nasceu em 25 de fevereiro de 1866, em Pescasseroli, Sul da Itália. Passou a maior parte de sua vida em Nápoles. Em 1883 sobreviveu ao terremoto que matou seus pais e a única irmã. Logo depois se mudou para Roma, onde morou com seu tio, Silvio Spaventa. Teve uma curta experiência acadêmica, que se limitou ao incompleto curso de Direito na Universidade de Roma, o que lhe valeu a aproximação com intelectuais, como o marxista Antonio Labriola que o apresentou o materialismo histórico. Retornou a Nápoles em 1886 e, graças à fortuna deixada por seus pais, pôde dedicar-se ao estudo da história e cultura napolitanas, vindo posteriormente a estudar filosofia, história, crítica literária e política. Nesse período fez viagens à França, Alemanha, Espanha e Inglaterra, além de contribuir na organização dos Arquivos Municipais e escrever para periódicos locais.

Com a publicação *La storia ridotta sotto il concetto generale dell'arte* (1893), Croce deu início a sua produção intelectual. Neste ensaio, buscou combater os esquemas interpretativos das ciências naturais no domínio da historiografia (CROCE, 1909, p. 226). Anos mais tarde, um conjunto de ensaios, publicado em 1899 como *Materialismo storico ed economia marxistica*, o fez ser considerado o líder intelectual das tendências revisionistas do marxismo na década de 1890 (GRAMSCI, 1995, p. 208).

Mais tarde, no ano de 1903, em parceria com seu amigo Giovanni Gentile, fundou a revista *La Critica*, que se propunha à valorização da cultura italiana e ficou em circulação até 1943. Tornou-se membro do senado italiano (1910), e assumiu entre 1920 e 1921 o cargo de ministro da Educação do governo Giovanni Giolitti. Em sua oposição ao fascismo, que inicialmente apoiou, rompeu sua amizade com Gentile e liderou o Manifesto dos Intelectuais Antifascistas, em 1º de maio de 1925. Com o fim do fascismo, em 1944, retornou à vida política assumindo, além da função de ministro sem pasta no governo de Pietro Badoglio, a

---

\* Mestrando em História Social pela FFLCH-USP.

presidência do Partido Liberal, na qual ficou até 1947. Nesse período fundou, em 1946, o *Istituto Italiano per gli Studi Storici*. Até sua morte, em 1952, se ocupou em escrever e publicar diversas obras, dentre as quais *Lecture di poeti e riflessioni sulla teoria e la critica della poesia* (1950), *Filosofia e storiografia* (1949), *Storiografia e idealità morale* (1950) e *Indagini su Hegel e schiarimenti filosofici* (1952).

Seu trabalho mais promissor, e também o ponto de partida de sua filosofia, foi *Estetica*. Entre fevereiro e maio de 1900, a Academia Pontaniana de Nápoles reservou três seções para a conferência de Croce, intitulada *Tesi fondamentali di un'estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*, que, naquele mesmo ano, ganhou uma edição impressa com oitenta e oito páginas. Em 1902, a *Tesi* ganhou sua primeira edição expandida num volume de quinhentas e cinquenta páginas, com o título *Estetica come scienza delle'espressione e linguistica generale: teoria e storia*. Ao conteúdo publicado dois anos antes, se acrescentava uma exposição histórica da estética, na qual Croce analisou as diversas concepções de consciência intuitiva e filosofia da arte no curso da filosofia ocidental, de Platão à Bergson.

A *Estética* constitui a exposição da primeira parte da *Filosofia dello Spirito* croceana, seguida pela *Logica come Scienza del Concetto Puro* (1905), *Filosofia della pratica: economica ed etica* (1909) e *Teoria e Storia della Storiografia* (1917). O centro desse sistema filosófico se fundamentava na compreensão espiritual da realidade. Para Croce, o espírito constrói a história do homem e da humanidade através da intuição. A intuição é distinguida principalmente pelo intelecto, a percepção e sentimento, o que para ele era a representação imediata do espírito.

Desse modo, o principal argumento da *Estetica* era a teoria da arte como intuição. A obra de arte é a expressão das impressões subjetivas que atingem a alma do artista. A intuição produz “imagens” que, ao serem expressas na obra de arte, só podem ser compreendidas quando se busca captar sua “liricidade”, isto é, as experiências mais íntimas do artista (CROCE, 1908, p. 14). A crítica de arte, ao fazer um juízo estético deve estabelecer a identidade entre o gosto de quem interpreta a obra artística e a mente de quem a produziu (Ibid., p. 15). Desse modo, Croce esperava “a correção de vários conceitos e a solução de certos problemas filosóficos (Ibid., p. viii). Em essência, era uma oposição às vertentes teóricas, como o naturalismo, o materialismo e o positivismo (Ibid., p. 447).

Com certa frequência, aqueles que procuraram traçar a rota da evolução do pensamento de Croce na Itália expuseram o início de sua atividade intelectual como em oposição à doutrina do positivismo e suas vertentes (GIAMMATTEI, 1999; GALASSO, 1990; CHIELLI, 2004). Os trabalhos de Croce, especialmente a partir da *Estetica*, aparecem dotados de um propósito: a revalorização da cultura por meio do resgate do idealismo e romantismo. A biografia intelectual convencional do filósofo napolitano parece impregnar sua produção de um sentido de missão que, a partir de um contexto de oposição à filosofia corrente do positivismo, acarretou na consideração de sua obra como portadora de uma função singular dentro do debate teórico italiano.

O problema dessa abordagem parece estar em fazer supor que o reconhecimento intelectual de Croce foi mérito decorrente unicamente do seu posicionamento crítico e do conteúdo de seus trabalhos. Nesse sentido, o autor e sua obra aparecem como entes isolados da disputa teórica em questão. Consequentemente, desconsideram-se as redes de sociabilidade, os vínculos de cooperação, as relações de afinidade, das quais, como se pretende mostrar, tanto a imagem intelectual do filósofo napolitano quanto a significação de sua obra são devedoras. Espero apresentar a emergência do pensamento croceano no universo intelectual italiano, tendo como base os textos escritos por intelectuais sobre Croce e seus trabalhos. Contrapondo a ideia da consagração como efeito natural e consequente da erudição ou do posicionamento crítico de seus trabalhos, busco entender o prestígio de Croce como “líder” do neo-idealismo a partir da publicação de *Estetica*, com um olhar sociológico sobre o mecanismo de consagração intelectual na Itália no começo do século XX.

Percebi que a circulação de um grande número de revistas e jornais populares, somado ao papel isolado das universidades e academias na vida pública, era um traço do campo intelectual italiano do período; uma vez que, “era por meio das revistas que a vida cultural e política italiana se expressava e as correntes intelectuais se organizavam”(BIANCHI, 2014, p. 9). Nessas publicações, encontram-se inúmeras referências a Croce em chave elogiosa. A forma de tratamento (“amico”), a exaltação a sua figura erudita e as defesas de sua obra dão uma espécie de nota coletiva desses textos. Isto me fez adotar como hipótese a relação entre Croce e esses homens de letras como configuração da díade “mestre-discípulo” (WAQUET, 2010) que, se baseando em um vínculo sustentado por interesses compartilhados, doações de saber, afinidade intelectual, pode ser percebido tanto nas “formas de tratamentos” presentes nos escritos (Ibid., p. 40), como nas “qualidades morais e humanas que os discípulos se

comprazem em enfatizar para mostrar aquilo que também distingue o mestre”(Ibid., p.65). Toma-se como tópico a ser investigado a natureza própria dessa relação, situada no âmbito da amizade e cooperação. O vínculo de amizade com Croce, como expresso nos textos, parece se basear no companheirismo em certos conflitos e no compartilhamento de ideias comuns. A colaboração, que daí decorre, é percebida na atuação pública de amigos, verificada na divulgação mútua de suas obras em resenhas, notas e ensaios, e na parceria em projetos editoriais (publicação de coleções e comentários).

A análise desses textos pode nos dar indícios de uma relação de maior proximidade entre Croce e a elite culta italiana e, com efeito, trazer luz à compreensão do desenvolvimento do prestígio de Croce na Itália nos primeiros anos do século XX. Isso significa adotar como estratégia o exame das iniciativas para defender e divulgar a obra de Croce, em que se percebem os esforços para exaltar sua erudição, o destaque dado à originalidade de seu pensamento e a manifestação da expressão de afeto.

Entender o progresso do prestígio de Croce e de sua obra significa descobrir as instâncias específicas de consagração intelectual na Itália no “primo Novecento”. As universidades, não exerciam domínio dentro da estrutura cultural desse período, como Antonio Gramsci avaliou.

*Por que não exercem em nosso país aquela influência de reguladoras da vida cultural que exercem em outros países? Um dos motivos deve ser buscado no seguinte: nas universidades [italianas], o contato entre professores e estudantes não é organizado. O professor ensina, de sua cátedra, à massa de ouvintes, isto é, dá a sua lição e vai embora (...) Esta estrutura geral da vida universitária não cria, já na universidade, nenhuma hierarquia intelectual permanente entre professores e massas de estudantes (...) Em nosso país, inexistente qualquer estrutura cultural que se apoie sobre a universidade (GRAMSCI, 1978, p. 146 e 147).*

Para Gramsci, eram as revistas que promoviam os movimentos intelectuais italianos e o impulso à cultura (Ibid., p. 164 e 165). A falta de domínio exercido pelas universidades, “determinou a sorte da dupla Croce-Gentile, antes da guerra, na constituição de um grande centro de vida intelectual nacional” (Ibid., p.147), a saber, a fundação da revista *La Critica*.

Diante disso, a publicação de *Estetica* não passou despercebida pelos jornais e revistas. A *Rassegna critica della letteratura italiana* afirmava: “é a primeira vez que, entre nós, este assunto vem tratado de forma ampla”(RADICE, 1902). Com igual entusiasmo, o título de uma publicação no periódico *Nuova Antologia* declarava a contribuição de Croce como “Una nuova concezione dell’estetica”(PILO, 1902). Em novembro daquele ano, o periódico *Il*

*Marzocco* veiculava um artigo no qual destacava a *Estetica* como “obra de capital importância”(CAROGLIO, 1902).

## OS HOMENS DE LETRAS E A *ESTETICA*

A reação à obra, entretanto, não foi homogênea, vindo a receber diversas condenações. Adolfo Faggi, na *Rivista Filosofica*, escreveu o ensaio *Un libro di Estetica: nota*, no qual apontava a *Estetica* como uma obra “pobre e escassa”, porque Croce não trata questões do “sublime, do cômico, do trágico, do humor” e exclui “o problema da classificação da arte”; e, além disso, Croce não explica como a “expressão” está inseparável da “intuição”. Faggi, que ocupava o cargo de professor de filosofia teórica *Università di Palermo*, em 1902, escreveu sobre estética, determinismo científico, materialismo histórico e psicologia. Por ocasião do 70º aniversário de um dos maiores expoentes do positivismo na Itália, publicou em uma coletânea um artigo intitulado *I principii filosofici di R. Ardigò e la psicologia* (FAGGI, 1898). Posteriormente, o próprio Roberto Ardigò, o indicou como seu sucessor na Faculdade de Letras da Universidade de Pádua em 1909, onde permaneceu até 1915, quando ocupou a cadeira de história da filosofia na Universidade de Turim (FAGGI, 1994, p. 153-155). Esta universidade parece ter sido um ponto de referência para a filosofia positivista entre a década de 1870 e 1910. Por lá passaram nomes influentes do positivismo italiano, como Cesare Lombroso, responsável pela criação da *Scuola Italiana di Antropologia Criminale* (Cf. KNEPPER; YSTEHEDE, 2013); Arturo Graf, professor de literatura italiana e co-fundador do *Giornale storico della letteratura italiana* (Cf. MAINENTI, 1938); Carlo Forlanini, professor de medicina preventiva (Cf. PAZZINI, 1947); Emilio Bertana, crítico e historiador da literatura italiana (Cf. GIBELLINI, 1996). Este último escreveu em 1903 na *Atti della R. Accademia delle scienze di Torino* um artigo, no qual alegava que o livro de Croce lhe pareceu “não mais convincente do que muitos outros livros de estética até agora escritos”(BERTANA, 1903, p.3). Para ele, Croce, nas quinhentas e cinquenta páginas de sua obra, não realiza a demonstração analítica de suas afirmações e exclui muitas questões até então consideradas relevantes ao estudo da estética, o que torna sua obra “muito fina”, se comparada “a tantas outras congêneres e tratados maiores” (Ibid., p.4)

Não deixou de haver, contudo, quem assumisse uma postura em defesa de Croce e sua *Estetica*, sobretudo quando se procurava contextualizar seu conteúdo de acordo com uma iniciativa contra-ideológica. Esse foi o caso de Giuseppe Vorluni, jornalista que chegou a

ocupar a chefia de redação do *Il Giornale*, e que em 1902 escreveu no *La Settimana* uma resenha (VORLUNI, 1902). Nela, iniciava enfatizando que no tempo recente o ofício da arte tem fornecido ocasião de muitos escritores formularem “áridos aforismos de uma sabedoria falsa e doutrinal, estranhos à vida e à luz do pensamento moderno”. E Croce, com “espiritosa e original sagacidade”, faz uso de uma “dialética segura e eficaz, com abundante e verdadeira doutrina”, usa “com rigor o método científico” e expõe as “evidências do exame e discussão”. O hispanista Eugene Mele, na *Fanfulla della domenica* declarava que a obra “destina-se a iluminar a mente, livre de obstáculos e indicando caminhos para avançar entre muitas direções errôneas que cruzaram e ainda cruzam todas as partes do campo do pensamento”(MELE, 1902).

Percebe-se que esses testemunhos fazem supor a existência de rivalidades teóricas. O jornalista e escritor Giuseppe Prezzolini, escrevendo sobre *La logica di Benedetto Croce*, não deixou dúvidas sobre quais eram os “inimigos” de Croce.

*Os inimigos que combatem Croce são, evidentemente, dois; um velho, no qual gostaria de dar o golpe de misericórdia, a saber o positivismo em suas formas de agnosticismo, de evolucionismo ou de historicismo; o outro, jovem, que eliminou desde o nascimento suas melhores razões de ser (...), isto é, o pragmatismo em sua forma de concepção econômica da ciência* (PREZZOLINI, 1905, p. 380).

Prezzolini se posicionou em defesa de Croce. Em 25 de junho de 1908 publicou na revista *Nova e Vetera* uma carta, escrita em resposta a uma nota divulgada em 10 de abril, que questionava o juízo de Croce sobre o modernismo. Nas palavras do editor Ernesto Buonaiuti, era “uma carta impertinente o suficiente”(BUONAIUTI, 1908). Do mesmo modo, o filósofo Enrico Ruta defendeu a importância de *La filosofia di Giambattista Vico* para a restauração do idealismo, em contraposição às interpretações de matriz materialista e empírico-científica da obra de Vico (RUTA, 1911).

O conteúdo dos escritos de Mele, Vorlumi, Prezzolini e Ruta contribui para entendermos sobre as formas habituais de consagração intelectual, uma vez que os artigos publicados em defesa da *Estetica* visavam fortalecer a singularidade intelectual de Croce por meio da oposição às ideias positivas. Portanto, interessam-nos compreender as motivações que levaram esses autores a escreverem esses artigos, as possíveis relações de afinidade que eles mantinham com Croce e que função consagradora essas publicações exerciam sobre os trabalhos croceanos.

## ENTRE AMIGOS E DISCÍPULOS

A afinidade entre Croce e os homens de letras pode ser percebida em parte dos discursos que circulavam nos jornais e revistas italianos. Nota-se, com frequência, a consideração elogiosa de sua figura culta: como um “crítico literário cheio de bom gosto, o historiador impregnado de erudição, o sociólogo culto e genial” (DE ROBERTO, 1903); o “ilustre erudito napolitano” (LEONE, 1902); “uma das mentes mais lúcidas, mais equilibradas e mais cultas que possui a geração de escritores na Itália” (PICA, 1902). Nesses louvores, se percebe a dedicação desses autores em afirmar os atributos excepcionais do autor napolitano. Uma luz para a compreensão desse fenômeno pode ser a existência de vínculos pessoais entre Croce e seus apreciadores.

No prefácio à primeira edição de *España en la vida italiana del Renacimiento* (CROCE, 1915, p.15), o próprio Croce parece reforçar laços de amizade, ao dedicar aquela edição a Don Eugene Mele, “un viejo amigo mío”. Vorluni colaborou com a divulgação de algumas publicações de Croce em sua revista, *Flegrea*, além de ter recebido seu apoio para assumir a chefia de redação do *Il Gionale* (CASERTA, 2005, p. 24). Prezzolini, por sua vez, era um defensor de Croce tanto dentro quanto fora da Itália. Como escritor, se preocupou em promover<sup>1</sup> a revista *La Critica*, fundada por Croce em 1903. Quando passou, a partir de 1929, a presidir o primeiro centro de cultura italiana nos Estados Unidos, a *Casa Italiana* da Universidade de Colúmbia, assumiu uma posição de colaborador internacional; escrevendo, inclusive, um artigo sobre Croce para o *Columbia Dictionary of Modern European Literature*.

Quando Croce morava na *Via Atri*, 23, no Centro Histórico de Nápoles, entre 1903 e 1914, recebia, dominicalmente, a visita de amigos e discípulos; alguns, cujos nomes, como Vorluni, Prezzolini e Ruta, constam na autoria de artigos, resenhas, ensaios e notas - além de tradutores e editores.

*Na Via Atri Croce iniciava a reunião costumeira de domingo com seus amigos e discípulos, de Salvatore di Giacomo a Enrico Ruta, de Fausto Nicolini a Giustino e Ernesto Fortunato, a Francesco Torraca, Vittorio Spinazzola, Giuseppe Ceci, Giuseppe Vorluni; encontravam-se de toda a Itália e do exterior, atraídos pela reputação e pela fama do pensador, homens como Papini, Prezzolini e, especialmente, Gentile, frequentemente seu convidado, quando ele estava ensinando em Palermo, e, em seguida, o jovem Guido de Ruggiero, Karl Vossler, Fritz Medicus, Douglas Ainslie, tradutores os dois últimos, respectivamente em Alemão e*

---

<sup>1</sup> Sobre *La Critica*, Prezzolini escreveu: “La sua funzione completatrice e purificatrice esercita con una grande chiarezza e con una certa nobile vivacità di stile [...]. Ma nella futura storia della cultura italiana non segnerà un momento di rinnovamento profondo, di rivoluzione dei metodi [...]” (PREZZOLINI, 1906, p. 361).

*Inglês, os editores Riccardo Ricciardi e, desde 1907, Giovanni Laterza [...] (Ibid., p. 22, grifo nosso).*

A proximidade desses intelectuais com Croce pode ser percebida nas formas de tratamento expressas nos artigos, ensaios e livros por eles escritos. Salvatore di Giacomo, abaixo do título de uma publicação em jornal de 1899 na qual enaltecia os conceitos de *Arte e Storia* de Croce, escreveu “All’ amico B. Croce” (DI GIACOMO, 1899). Ruta, que colaborou com diversas colunas no *Il Giornale d’Italia* destinadas à exaltação dos trabalhos de Croce, não media elogios quando se referia ao pensamento dele, em cuja Filosofia do Espírito “brilha a alegria da criação, a alegria da descoberta da verdade” (RUTA, 1918). O historiador e jornalista Fausto Nicolini, não se restringiu em divulgar sua relação de afinidade com Croce de forma mais explícita. No *Il Giornale*, publicou dois artigos que se encarregavam de contar a *Preistoria della mia amicizia con Benedetto Croce* e *Come conobbi Benedetto Croce*. Também se preocupou em deixar registrado em forma de livro seu relato sobre os *Amici e Frequentatori di Benedetto Croce*.

A ação desses homens de letras nos parece resultante da proximidade que estes tinham com Croce. Com efeito, as declarações públicas desse laço de amizade, carregadas de uma visão messiânica de Croce, pareciam produzir algum efeito consagrador também para aqueles escritores, comentadores e divulgadores.

Essa reciprocidade fica mais evidente quando percebemos a presença desses intelectuais nas publicações de *La Critica*, a revista fundada por Croce em 1903. A *Via Atri*, 23, parecia ser, além do endereço residencial do “amigo”, um local a partir do qual eram divulgadas as ideias dos amigos. Esse mesmo endereço é achado na parte inferior da capa das edições de *La Critica*, entre os anos de 1903 e 1911. Na revista, encontramos Croce comentando publicações de Prezzolini, de Salvatore di Giacomo, Ruta; Gentile comentando Giovanni Papini; além de inúmeros artigos, de Fausto Nicolini, Francesco Torraca, Guido de Ruggiero e Karl Vossler.

As correspondências particulares confirmam a proximidade dos letrados com Croce.. Em correspondência de 27 de janeiro de 1910, o editor Giovanni Laterza o felicitava pela nomeação ao Senado, em um telegrama curto e que dispensava tratamento formal: “O amigo que durante anos conhece a prova incontestável de seu valor científico (...) envia uma calorosa saudação em nome da empresa e da família” (LATERZA, 1910). Os benefícios recíprocos



gerados por essa amizade produziram um efeito consagrador sem precedentes tanto sobre a obra de Croce como na de seus amigos. Em 1º de maio de 1901, a editora Gius. Laterza e Figli naquele mesmo ano enfrentava a dificuldade de idealizar um programa editorial. Em 4 de junho de 1902, Benedetto Croce aconselhava o amigo Laterza:

*Eu também acredito que você faria bem em se abster de aceitar, pelo menos, livros de romances, contos e literatura popular: e isso para aparecer como uma editora com uma fisionomia precisa, isto é, como editora de livros de política, histórica, história da arte, filosofia, etc (Ibid., 1989, p. 14).*

Croce não somente conseguiu convencer o amigo, como foi beneficiado pela redefinição da proposta editorial da Gius. Laterza e Figli. Em 1906 a revista *La Critica* passou a ser administrada por aquela editora. O mesmo aconteceria com a *Estética* e outros trabalhos de Croce que, a partir de 1908 em diante, passaram a ser publicados por Laterza. O prestígio de Croce na Itália, como tem sido demonstrado (Cf. COLI, 2001; GALASSO, 2004), foi auxiliado pelo domínio editorial exercido pela editora do amigo. A amizade com o editor redefiniu tanto o futuro da editora quanto o prestígio de Croce na cultura italiana.

A atuação dos homens de letras italianos, escritores, jornalistas e editores, movida pelo apreço ao “amigo” e, possivelmente, pela vantagem de ter seus nomes associados ao de Croce por meio de suas publicações, foi decisiva para a constituição da imagem de Croce como líder intelectual do neo-idealismo e do anti-positivismo, e como portador de uma “obra singular”.

Em 1909, Giuseppe Prezzolini publicou pela Riccardo Ricciardi Editore, *Benedetto Croce: con bibliografia, ritratto e autografo*. Seu conteúdo demonstra a intenção do autor em percorrer um itinerário da influência de Croce sobre a Itália. Nota-se em todo o livro a preocupação com a produção intelectual de Croce e seu lugar na cultura italiana. Na primeira parte, Prezzolini inicia expondo a “atuação espiritual” de Croce como fruto de seu aprendizado da história e do desgosto pela erudição vazia (PREZZOLINI, 1909, p. 4); Destaca o posicionamento de Croce contra o positivismo (Ibid., p. 8), e estabelece sua relação com Hegel, Vico, Bruno, Kant, Marx e De Sanctis (Ibid., p. 20). As seções seguintes são dedicadas à valorização do Croce filosófico, crítico, educador e poeta. Por último, Prezzolini cuidou em acrescentar uma bibliografia das obras de Croce. A valorização da produção literária de Croce parece refletir o que escreveu um ano antes na primeira edição da sua revista *La Voce* - da qual Croce, Gentile, Papini e Vossler eram colaboradores -, na qual fez

um apelo à leitura dos intelectuais italianos, desvalorizados pela atenção dada a pensadores estrangeiros, e que traziam respostas suficientes ao problema da modernidade (Id., 1908).

Uma análise da produção editorial do texto de Prezzolini reforça a relação de afinidade de Croce com os produtores culturais italianos, como ocorrido com Laterza. O editor Riccardo Riccardi também era amigo de Croce e editor de alguns de seus livros, e estava entre os assíduos frequentadores da *Via Atri 23*. As relações de amizade de Ricciardi se estendiam a outros nomes presentes nas reuniões dominicais na casa de Croce. Em seu primeiro período de atividade, entre os anos 1907 e 1918, a Riccardo Ricciardi Editore publicou além de Prezzolini, Giovanni Papini e as primeiras edições de Salvatore di Giacomo. Posteriormente, a editora levou a prelo textos de Giovanni Gentile, Karl Vossler e Francesco Flora (RICCARDO, 2015).

A proximidade da relação de Croce com agentes da divulgação de seu trabalho também pode ser percebida quando retomamos outro nome presente nas reuniões dominicais, Mr. Douglas Ainslie. Tradutor da primeira versão em inglês de *Estetica*, foi considerado a partir de então o responsável por introduzir Croce ao mundo de fala inglesa (AESTHETICS, 1909). Consciente dos efeitos consagradores que a tradução de Croce poderia lhe trazer, no início de sua introdução à *Aesthetic* já reivindicava para si o mérito de tê-lo descoberto<sup>2</sup>. A colaboração com Croce, o qual era tratado como “mio caro amigo” (CROCE, 1967, p. 32), o tornou responsável pelas traduções para o inglês de sua obra, a ponto de ser procurado pelos editores estrangeiros quando esse era o interesse (Id., 1969, p. 62). Acrescente-se que ainda tomava como tarefa divulgar o pensamento croceano ao público leitor estrangeiro por meio de vários ensaios, artigos, prefácios e discursos em encontros. Após a tradução de *Philosophy of the Practical* (1913), o periódico *The North American Review* trouxe o artigo *An Introduction to Croce's Philosophy of the Practical*, de sua autoria. Em 1922, tomou parte da quadragésima terceira sessão da *Aristotelian Society* em Londres, proferindo a discurso *Benedetto Croce's Historiography* (AINSLIE, 1922). À função de tradutor acrescentava-se a de intérprete e de comentarista.

Essas atividades desempenhadas por Ainslie lhe conferiram prestígio, como visto pelo reconhecimento dado ao seu trabalho. O *The Morning Post*, classificou a tradução de *European Literature in the Nineteenth Century* como “admirável” (THE DOCTRINAIRE,

---

<sup>2</sup> No início do prefácio à primeira edição inglesa, Ainslie escreveu: “I can lay no claim to having discovered an America, but I do claim to have discovered a Columbus. His name is Benedetto Croce [...]” (CROCE, 1909, p. xv).

1924). No primeiro parágrafo de uma resenha, a *Cambridge Review* destacou a *Logic as the Science of the Pure Concept* como um “excelente trabalho do tradutor das principais obras de Croce”(F.B., 1918). Deve-se considerar que, em algumas vezes, os textos das notas de divulgação o colocavam como sujeito principal; o tradutor ganhava destaque diante da obra e seu autor, como se percebe em nota divulgada por uma publicação londrina: “Mr. Douglas Ainslie publicou recentemente com Messrs. Methuen a tradução de *Goethe’s Poetry* de Benedetto Croce” (GOETHE’S, 1924).

O trabalho de Ainslie ganhou notoriedade na Inglaterra e nos Estados Unidos; cabe descobrir que sentido de Croce e sua obra Ainslie buscava imprimir nos leitores anglo-americanos.

Voltando à introdução da primeira tradução, *Aesthetic* de 1909, é possível constatar de início a intenção de Ainslie em ressaltar seu laço com Croce, ao citar a primeira viagem a Nápoles, em 1907, quando conheceu o filósofo. A menção desse fato parece conferir-lhe autoridade para referir-se ao autor e ao livro em questão. Enquadra *Aesthetic* como a “reação feliz do século vinte contra o rude materialismo da segunda metade do século dezenove”(CROCE, 1909, p. xix); lamenta que, “a ciência empírica, com as conclusões do positivismo, tem roubado o manto da filosofia”(Ibid., p. xx). Após isso, destaca que a obra satisfaz a crítica por sua singularidade e pureza. Busca, então, limitar a filiação de Croce com Hegel, dando ênfase à superioridade da filosofia do pensador italiano. Afirma não ser Croce seguidor de Hegel, e demonstra sua independência provando as correções feitas à dialética hegeliana (Ibid., p. xxi). Induz que Croce não possuía dívidas intelectuais, mas devedores. Kant, Baumgarten e Schleiermacher estariam entre aqueles que deveriam agradecer à sua generosidade, por ter chamado atenção para conceitos por eles elaborados, desconhecidos até então (Ibid., p. xxii). Por fim, declara sua expectativa: “Eu acredito que Croce um dia será reconhecido como um dos poucos grandes mestres da humanidade”(Ibid., p. xxiv).

O problema do materialismo/positivismo, a questão da autonomia intelectual ante outros pensadores e o reconhecimento da singularidade de Croce reaparecem posteriormente, na “nota do tradutor” da primeira edição de *Philosophy of the Practical* (1913). Ainslie frisou que “a segunda metade do século XIX testemunhou conosco um grande desenvolvimento do materialismo nas suas várias formas”(CROCE, 1913, p. viii), mas “o tempo está agora a fazer sua vingança [...] expondo toda a sua esterilidade, inadequação e ineficácia”(Ibid., p. ix); e que Croce contribuiu para “limpar os entulhos de Hegel”, entendido como a “falsa concepção de

arte e religião” e a “aplicação errada do pseudo-conceito da dialética”(Ibid., p. xii e xiii). É dirigida atenção aos seus “numerosos trabalhos históricos, sua iluminação aos estudos sobre Vico, que o tem revelado como filósofo da estatura de Kant”. Avalia o trabalho de Croce como responsável pelo surgimento do interesse europeu pelo idealismo, e salienta que sua importância já é comprovada pelo reconhecimento dado por acadêmicos (Ibid., p. xxiii).

Os prefácios, notas e introduções escritos por Ainslie aos volumes de Croce receberam atenção do público estrangeiro. O *The Expository Times*, de Edimburgo, divulgou em 1918 um artigo sobre a *Logic*, em cujo conteúdo havia a reprodução de um parágrafo extraído do próprio “prefácio do tradutor” (Cf. LOGIC, 1918). O mesmo ocorreu em uma resenha do *International Journal of Ethics*, da Filadélfia, concluída com palavras do próprio Ainslie (ROBIESON, 1918, p. 110). Em Nova Iorque, *The Statesman*, referindo-se à mesma obra, após elogiar o tradutor, reforçou a supremacia de Croce sobre Vico (LOGIC, 1917) apresentada por Ainslie no prólogo daquela edição.

Com efeito, se conclui que o prestígio de Croce não pode ser tomado como atributo exclusivo da erudição de seus textos. A divulgação de sua obra e seu consequente sucesso, tanto dentro quanto fora da Itália, contou com a colaboração daqueles com os quais possuía laços de amizade. Se por um lado a ação dos intelectuais (jornalistas, escritores, editores e tradutores) em defesa da obra de Croce foi imprescindível na promoção dos trabalhos croceanos, por outro também exerceu um efeito consagrador sobre suas próprias posições no cenário intelectual. Verifica-se assim o papel das redes de sociabilidade, tanto na definição social de uma obra quanto no prestígio do intelectual compartilhado entre seus colaboradores.

## **Bibliografia**

AESTHETICS. *The Times Literary Supplement*. Londres, 26 nov. 1909.

AINSLIE, Douglas. An Introduction to Croce's Philosophy of the Practical. *The North American Review*. Londres, Vol. 198, n.4, p. 478-486.

\_\_\_\_\_. Benedetto Croce's “Historiography”. *Proceedings of the Aristotelian Society New Series*. Londres, Vol. 22, p. 205-214, 1922.

BERTANA, Emilio. Di una nuova estetica: nota. *Atti della R. Accademia delle scienze di Torino*. Turim: p. 3-25, 1903.

BIANCHI, Alvaro. Abrindo a oficina gramsciana: construindo um novo laboratório. In: 38º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, *Anais do Encontro Nacional da ANPOCS*. Caxambu-MG, out. 2014.

BUONAIUTI, Ernesto (P. Vinci). B. Croce e il Modernismo. *Nova et vetera*, Roma, 25 jul. 1908.

CAROGLIO, Diego, L'Estetica di Benedetto Croce. *Il Marzocco*, Florença, 9 nov. 1902.

CASERTA, Renato. *Benedetto Croce e la sua Napoli*. Napoles: Arte Tipográfica, 2005.

CHIELLI, Angelo. *La vita e il vivere: Benedetto Croce nella "crisi" della cultura europea (1893-1909)*. Lecce: Pensa Multimedia, 2004.

COLI, Daniela. *Croce, Laterza e la cultura europea*. Saggi (Società Editrice il Mulino), Bolonha: Il Mulino, 1983.

CROCE, BENEDETTO. In: *Columbia Dictionary of Modern European Literature*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1947, p. 179-182.

CROCE, Benedetto. *Aesthetic: as Science of Expression and General Linguistic*. Trad. para o inglês por Douglas Ainslie. Londres: Macmillan, 1909.

\_\_\_\_\_. *Epistolario I: Scelta di lettere curata dall'autore, 1914-1935*. Napoles: l'Istituto Italiano per gli Studi Storici, 1967.

\_\_\_\_\_. *Epistolario II: Lettere ad Alessandro Casati, 1907-1925*. Napoles: l'Istituto Italiano per gli Studi Storici, 1969.

\_\_\_\_\_. *Essays on Literature and Literary Criticism*. Trad. para o inglês por Myra E. Moss. Albany: SUNY Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *España en la vida italiana del Renacimiento*. Trad. para o espanhol por Jose Sanchez Rojas. Madri: Mundo Latino, 1915.

\_\_\_\_\_. *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale: teoria e storia*. 2 ed. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1908.

\_\_\_\_\_. *Filosofia della Pratica: economica ed etica*. 3 ed. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1923.

\_\_\_\_\_. La storia ridotta sotto il concetto generale dell'arte. In: \_\_\_\_\_. *Primi Saggi*, Bari: Gius. Laterza e Figli, 1951.

\_\_\_\_\_. *Logica come Scienza del Concetto Puro*. 2 ed. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1909.

\_\_\_\_\_. *Materialismo storico ed economia marxistica*. 4 ed. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1921.

\_\_\_\_\_. *Philosophy of the Practical: economic and ethic*. Trad. para o inglês por Douglas Ainslie. Londres: Macmillan, 1913.

\_\_\_\_\_. *Politics and Morals*. Trad. para o inglês por Salvatore J. Castiglione. Nova Iorque: Philosophical Library, 1952.

\_\_\_\_\_. *Teoria e Storia dela Storiografia*. 2 ed. Bari: Gius. Laterza e Figli, 1920.

DE ROBERTO, Federico. Un amico dell'arte: Benedetto Croce e la sua "Estetica". *Corriere della sera*, Milão, 1 jun. 1903.

DI GIACOMO, Salvatore. Arte e storia. *Corriere di Napoli*, Naples, 6 nov. 1899.

FAGGI, ADOLFO. In: GUARNIERI, Patrizia. *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Istituto dela Enciclopedia Italiana, v. 44, p. 153-155, 1994

\_\_\_\_\_. I principii filosofici di R. Ardigò e la psicologia. In: *Nel 70° anniversario di Roberto Ardigò*, Turim: Bocca, p. 30-39, 1898.

F. B.. Philosophy. *The Cambridge Review*, Cambridge, 31 jan. 1918.

GALASSO, Giuseppe. Croce & Laterza: Il sogno di un' Italia laica. *Corriere dela Sera*, Milão, 13 nov. 2004.

GIAMMATTEI, Emma. Critica e filosofia. Croce e Gentile. In: MALATO, Enrico (Org.). *Storia della letteratura italiana*, v. VIII. Roma: Salerno Editrice, 1999, p. 967-1016.

GIBELLINI, Pietro. *Il mito nella letteratura italiana moderna*. Brescia: Morcelliana, 1996.

GOETHE'S Poetry. *The Author*, Londres, abr. 1924.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. de Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KNEPPER, Paul; YSTEHEDE, Per Jørgen. *The Cesare Lombroso Handbook*. Nova Iorque: Routledge, 2013.

LATERZA, un secolo di libri, 1885-1985. Roma-Bari: Laterza, 1989.

LEONE, Enrico. L'estetica riformata. *Avanti!*, Roma, 27 out. 1902.

LOGIC as the science of the pure concept. *The Statesman*, Nova Iorque, 8 nov. 1917.

LOGIC. *The Expository Times*, Edimburgo, fev. 1918.

MAINENTI, Pasquale. *Arturo Graf e il movimento critico-poetico tra il XIX e XX secolo*. Napoles: Alfredo Guida Editore, 1938.

MELE, Eugenio. Un volume d'Estetica. *Fanfulla della domenica*. Roma, 2 nov. 1902.

PAZZINI, Adalberto. *Storia della medicina: dal XVII secolo ai nostri giorni*. Milão: Società Editrice Libreria, 1947.

PICA, Vittorio. L'Estetica' di B. Croce. *Il Giornale d'Italia*, Roma, 23 set. 1902.

PILO, Mario. Uma nova concezione dell'estetica. *Nuova Antologia*. Roma, XXXVII, 1902, XXXVI.

PREZZOLINI, Giuseppe. *Benedetto Croce: com bibliografia, ritratto e autografo*. Napoles: Riccardo Ricciardi, 1909.

\_\_\_\_\_. La Critica: rivista di letteratura, storia e filosofia. *Leonardo*, Florença, out.-dez. 1906.

\_\_\_\_\_. La logica di Benedetto Croce. *L'Idea liberale*, 1905, p. 379-381.

\_\_\_\_\_. L'Italia responde. *La Voce*. Florença, 20 dez. 1908.

RADICE, Giuseppe Lombardo. L'estetica di B. Croce. *Rassegna critica della letteratura italiana*, 1902.

RICCARDO Ricciardi. *Enciclopedie Treccani online*. Disponível em:  
<<http://www.treccani.it/enciclopedia/riccardo-ricciardi/>>. Acesso em 20 de maio de 2015.

ROBIESON, M[atthew] W[alker]. Logic as the Science of the Pure Concept. *International Journal of Ethics*, Filadelfia, p. 109 e 110, 1918.

RUTA, Enrico. La scoperta del grande ignoto. *Il Giornale d'Italia*, Roma, 26 jul. 1911.

THE DOCTRINAIRE in letters, *The Morning Post*, Londres, 19 set. 1924.

VORLUNI, Giuseppe. Estetica. *La settimana*, Napoles, 26 out. 1902.

WAQUET, Françoise. *Os filhos de Sócrates: filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI*. Trad. Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: Difel, 2010.